
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PESSOA IDOSA

Rouseane da Silva Paula

RESUMO

O presente artigo versa sobre a constituição identitária da pessoa idosa, em específico sobre os indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho: os aposentados. O grupo investigado foi composto por adultos a partir de 45 anos, egressos do projeto de extensão Universidade da Maturidade, realizado na cidade de Palmas, pela Universidade Federal do Tocantins. Na transição da condição de ser produtivo para ser improdutivo, essas pessoas são estigmatizadas de diferentes maneiras e sofrem o processo de desengajamento social – no exercício de suas funções e nas relações com seu meio. Em nossas investigações identificamos que parte do sofrimento simbólico vivido é graças ao imperativo da eterna juventude leva muitos ao consumo desenfreado de produtos de beleza, tratamentos e cirurgias. Realizamos entrevistas com egressos da UMA – Universidade da Maturidade, para concluirmos após análise do conteúdo do discurso que a conquista da longevidade gerou uma contradição frente a esse fenômeno: é verdade que a velhice é uma vitória do desenvolvimento tecnológico, mas a ambigüidade com que nos relacionamos com ela revela que não estamos aptos para desfrutá-la. O envelhecimento nos traz ainda outro desafio que a cultura burguesa buscou a todo custo esconder de si mesma: o medo da morte.

INTRODUÇÃO

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:

- Em que espelho ficou perdida a minha face?
(Cecília Meireles)

Em versos são apresentadas as mudanças decorrentes do envelhecimento. Mudanças essas que por vezes nos chega, de fato, de surpresa, além de ser pouco refletida e debatida entre aqueles que não a sentem. Estamos num mundo que envelhece a passos largos, mas não aceita a certeza do andar cambaleante. Assim nos postamos diante do espelho e abraçamos nossa finitude, ao longo desta pesquisa sobre envelhecimento.



O tema identidade ganha relevo, no séc XX, com o fenômeno da globalização. Justo a partir dessa percepção do mundo sem fronteiras é que se tornou preciso colocar em pauta a questão da identidade já que nenhuma resposta óbvia se oferece a essa questão. O presente artigo versa sobre a constituição identitária da pessoa idosa, em específico sobre os indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho: os aposentados. O grupo investigado foi composto por adultos a partir de 45 anos, são egressos do projeto de extensão Universidade da Maturidade, realizado na cidade de Palmas, pela Universidade Federal do Tocantins.

Essa necessidade de definição identitária também se aplica ao fenômeno do envelhecimento, tanto que em nossas reflexões acerca da velhice, percebemos no cenário brasileiro que essa surge como uma nova categoria social ainda não claramente definida: terceira idade, melhor idade, maturidade, velho, idoso, fim-de-linha.

A partir do momento em que os limites se tornaram tênues surgiu a necessidade de definir os contornos identitários, acerca disso Bauman (2005) afirma que quando a identidade perde âncoras sociais que a faziam parecer natural, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pertencer.

Num tempo em que o ser humano conquistou a longevidade graças aos avanços tecnológicos, sanitários e cognitivos, a velhice tornou-se um problema social, é imprescindível que a sociedade reconheça e prepare-se para o fenômeno do desenvolvimento humano, em todas as suas fases, inclusive na velhice, para assim atender a demanda emergente. No país as iniciativas para esse grupo se projetam timidamente, apesar de ser um desafio concreto. O aumento da perspectiva de vida gerou maiores gastos com previdência social, adequações necessárias à saúde pública, demandou ainda a formação de profissionais especialistas, a fim de melhor administrar os aspectos positivos e negativos desenvolvimento humano.

Para ilustrar nosso pensamento retomamos Brotman citado por Uchoa Lins (2002) em sua afirmação:

“O progresso na investigação humana por uma vida mais longa, deva produzir problemas do envelhecimento para o próprio homem. É particularmente frustrante, constatarmos que os mesmos êxitos nos progressos econômicos, médicos e industriais que agora possibilitam que um percentual tão grande da população mundial alcance uma idade avançada, tenham produzido também as mudanças que fazem dos idosos um grupo geralmente dependente e os tenham roubado suas mais importantes e tradicionais funções, papéis e posições”.(p.19)

Segundo Debert (2003, p.51) a velhice não é uma categoria natural, mas, como qualquer outra categoria de idade, é uma construção histórica e social. A

construção de uma categoria social depende da elaboração simbólica de rituais que demarcam e definem espaços, demandas, comportamentos, direitos e deveres. Assim essa constituição identitária acontece de maneira complexa e plural para cada pessoa, como saber se estou velho? A partir de quê momento?

As pessoas adultas que estão à margem da sociedade, na transição da condição de ser produtivo para ser improdutivo, dentro da lógica capitalista, são estigmatizadas de diferentes maneiras e sofrem no exercício de suas funções, nas relações com seu meio, esse estigma gera um sofrimento humano, afirma Domingos Sobrinho (2003, p.64), não de causa orgânica ou psicológica, tampouco de causas diretamente sociais, estaria mais próximo do sofrimento decorrente da miséria da posição, conforme nomearam Bourdieu e seus co-autores, no livro *A miséria do Mundo* apud Domingos Sobrinho (2003). Os psicoterapeutas identificam, nesta fase, maior incidência de transtornos de humor, depressões, fobias frente à nova situação.

Nesta fase da vida, acontece uma transição e há uma quebra no desenvolvimento social ou na representação da socialização positiva, poderíamos denominar de rituais de passagem, todavia, nos grupos urbanos, os ritos de passagem não são muito bem demarcados em relação à velhice, em específico. Na infância temos o ingresso na escola, como momento marcante. Na juventude temos (ou tínhamos) os bailes de debutante, o exame de vestibular. No período do adulto jovem temos o primeiro emprego, a constituição de uma família, o nascimento dos filhos. Daí segue-se até a longevidade, numa perspectiva positiva de desenvolvimento humano, de aquisições e crescimento, para então em dado momento da trajetória acontecer a interrupção abruptamente que resulta na inatividade. Ao cruzar este portal e ingressar nesta dinâmica, o adulto sofre então um processo de *desengajamento*, com conseqüentes mudanças para sua vida.

O sofrimento simbólico que acontece atribuímos ao império da juventude no campo das relações de poder. Vivemos na dinastia do novo: Novo celular, novo corte de cabelo, carro novo. O imperativo que é a eterna juventude leva muitos ao consumo desenfreado de produtos de beleza, tratamentos e cirurgias. (Ramos, 2008).

A conquista da longevidade gerou uma contradição frente a esse fenômeno: é verdade que a velhice é uma vitória do desenvolvimento tecnológico, mas a ambigüidade com que nos relacionamos com ela revela que não estamos aptos para desfrutá-la. O envelhecimento nos traz ainda um outro desafio que a cultura burguesa buscou a todo custo esconder de si mesma: o medo da morte.

Realizamos nossa investigação com egressos da primeira turma do Projeto Universidade da Maturidade (UMA), desenvolvido na cidade de Palmas, pela Universidade Federal do Tocantins. A Universidade da Maturidade foi o nome adotado para a UNATI promovida pela Universidade Federal do Tocantins que atendeu a um grupo de adultos maiores de 45 anos com participantes de até 80 anos. Dentre os objetivos assumidos pela equipe estava a consolidação do compromisso

social e político da universidade com a sociedade; a democratização do saber, possibilitando às pessoas adultas e idosas o acesso à universidade, na perspectiva de educação permanente, no resgate da cidadania e no desenvolvimento do espírito de convivência. Além de despertar nos alunos a consciência da responsabilidade social, motivando-os a assumir uma efetiva participação nas organizações civis e movimentos sociais.

A concepção de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) surgiu na França, na década de 70, como parte do movimento daquele país na busca de alternativas de melhores condições de vida para seus idosos. Esse movimento também aconteceu em outros países europeus, além da América do Norte, ao longo do tempo definiu-se dois modelos básicos: o inglês e o francês. O modelo francês toma como referência o sistema tradicional universitário. As atividades desenvolvidas – cursos, oficinas de trabalho, grupo de estudos – são centradas no modelo de educação continuada daquele país.

Em sua retrospectiva afirma que o modelo inglês nasceu em Cambridge, em 1981, baseando-se no ideal da auto-ajuda. A certeza do envelhecimento para todos os especialistas de todas as áreas norteou a criação de um espaço, dentro das universidades, que pudesse acontecer interação entre os mais velhos e os mais jovens. Essa interação de conhecimentos aumentaria as relações interpessoais, através do contato com seus semelhantes e a integração entre os profissionais.

Neste contexto a universidade apresenta-se como local, por excelência, para a integração geracional, inicialmente a UNATI (Universidade Abertas à Terceira Idade) foram criadas para ser um espaço destinado a educação permanente das pessoas acima de 65 anos nos países do Primeiro Mundo e acima de 60 anos nos demais, e para pesquisar o envelhecimento humano. O SESC (Sistema do Comércio) foi precursor no país das Universidades Abertas à Terceira Idade.

O referido projeto atendeu a adultos maduros e idosos que buscavam melhor qualidade de vida. Buscamos apreender os referentes identitários do grupo investigado, a partir dos motivos que impulsionaram esses sujeitos ao ingresso na UMA, para tanto, analisamos as cartas escritas à época do ingresso no projeto – cartas de intenção – realizamos ainda entrevistas com grupos focais.

A partir da análise do discurso das cartas de intenção escritas pelos sujeitos participantes do projeto de extensão Universidade da Maturidade pudemos deslindar os motivos que os levaram a buscar um novo espaço de pertencimento, ao sofrerem o gradativo desenraizamento ou desengajamento social.

As análises iniciais das cartas de intenções apontaram os seguintes motivos: necessidade de sentir-se útil (ensinar aos outros, participar da comunidade); necessidade de aprender novos conhecimentos (atualização frente aos desafios

contemporâneos); necessidades afetivas (medo da solidão, da depressão, viuvez, novos vínculos humanos).

De acordo com Siqueira apud Neri (2001, p.73) o fenômeno do envelhecimento populacional que se desenha nos Estados Unidos e na Europa Ocidental desde 1950 fez com que a sociologia sistematizasse contribuições valiosas à sua compreensão, dentre essas destaco a Teoria do Desengajamento.

Essa teoria sobre a velhice e o envelhecimento aborda tanto o nível micro e o macrossocial, como por exemplo, a Teoria do Desengajamento inspirada no Funcionalismo Estrutural e a partir da estratificação por idade, essa foi formulada por Cumming e Henry, em 1961, a teoria enfatiza que o desengajamento ou o afastamento do prisma da funcionalidade, da mutualidade, da inevitabilidade e da universalidade. Tal teoria concebe o desengajamento como um processo de mudança irreversível e necessário, assim, ao se aposentar tanto abre espaço para as pessoas jovens e eficientes, ao passo que ganha tempo para se preparar pra o desengajamento total – a morte.

Siqueira apud Neri (2001, p. 86) afirma que a teoria postula que a sociedade se afasta das pessoas idosas na mesma proporção em que estas se afastam da sociedade. Assim, o desengajamento é visto como pré-requisito funcional para a estabilidade social, de maneira que essa acontece de forma inevitável e universal a todos. O ser humano enquanto ser relacional sofre o gradativo e brutal processo de desengajamento.

Frisamos que a transformação da velhice em problema social não é o resultado do envelhecimento populacional ou de que terceira idade é o nome que se dá a uma etapa do processo de degeneração física. Cada sujeito apresenta diversas maneiras de aperceber-ser velho, é no momento da análise que a riqueza humana emerge e nos desafia em toda sua complexidade.

Por fim, constatamos a necessidade de iniciativas que considerem a velhice enquanto uma etapa produtiva do ser humano, independente da visão capitalista que valoriza o novo, o jovem e seus atributos. Embora de maneira paradoxal exija a experiência do velho no jovem.

Neste ponto da análise emergiram as seguintes unidades de sentido: migração, auto-imagem, envelhecer, relações interpessoais com a família e com a turma do curso, vida produtiva, motivações, experiência e sabedoria, bem como paradoxos, ao longo das entrevistas. A análise do discurso foi elaborada de uma maneira vertical, na intenção de captar marcas lingüísticas e relacioná-las ao contexto sócio-histórico. Abaixo alguns trechos do grupo focal:

Antes de entrar na UMA, eu tinha uma noção de envelhecimento humano. Eu fui criado pela minha vó e ela faleceu com 102 anos, em movimento. Eu parava e olhava pra aquelas pessoas e pensava:

como vou ser com 60,70 e 80 anos de idade? Aí eu criei um personagem. Estou em busca de realizar atividade, envelhecer pra mim buscando sempre oportunidade de ser mais. Eu quero viver com prazer!(...). Eu quero chegar aos 100 anos em atividade, em movimento e ser útil. Quando eu não puder mais me locomover, que eu possa ser lúcido, pra poder escrever...Eu sou o que eu penso, o que eu falo, o que eu faço.(Roberto Terra)

Aprendi a valorizar a vida dando vida pra vida. Envelhecer com dignidade, com doçura. Às vezes, nos momentos mais difíceis pra mim eu pego meu violão e vou tocar...porque o envelhecimento da pessoa amargurada é difícil. O envelhecimento amargurado pra mim, to fora! Estou com 60, estou fazendo projetos, compondo minhas músicas.(Dorival)

Meus filhos me cobravam isso e eu me achava velha demais, sabe? Hoje não acho isso, depois que passei pela UMA, eu já não me acho velha. Talvez, mais adiante eu vá envelhecer, um pouco mais pra frente.(...) Eu que me acho muito mais nova hoje que naquele tempo eu era, a idade pra mim vai depender do que a gente pensa. (Rita de Cássia)

Percebemos nas falas que esses sujeitos passaram por uma ressignificação do fenômeno do envelhecimento, durante a participação na UMA, devido aos espaços de socialização, as temáticas discutidas e toda a vivência proporcionada ao longo de um ano e meio de curso. Assim, promovendo mudanças na sua constituição identitária enquanto sujeitos sociais.

As três falas responderam a evocação “Envelhecer é...” e denotaram o sofrimento simbólico vivido nesta etapa da vida, ao que Bourdieu(1997) denominou “miséria de posição”, como mencionamos anteriormente, revelado nos seguintes trechos: “o envelhecimento da pessoa amargurada é difícil”, “eu criei um personagem”, “eu me achava velha demais, sabe?”

A teoria das Representações Sociais apresenta-se como ferramenta desmistificadora da realidade social homogeneizante. E isso é fundamental para a constituição identitária, pois a identidade possui função vital e cotidiana devendo o indivíduo reformulá-la sob pena de ver a sua existência perder sentido.(Kaufmann,2005) A identidade é um processo, historicamente novo, ligado a emergência do sujeito e de que o essencial gira em torno da fabricação de sentido.

Assim, concluímos que os sujeitos do envelhecimento atravessam esta etapa de maneira menos dolorida a partir do momento em que encontram um grupo no qual possam desenvolver o sentido de pertença.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DEBERT, A. in BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. Representações sociais: teoria e pesquisa.

Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque. Fundação Vingt-um Rosado, 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. A invenção de si. Uma teoria da identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LINS, Vera Luza Uchôa. Gerontomotricidade e mundo da vida: aspectos epistemológicos para um novo ciclo do desenvolvimento humano. (tese de doutorado) Cruz Quebrada: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 2001.

MOREIRA, Antonia Silva Paredes. **JESUINO**, Jorge Correia. (org.) Representações Sociais: teoria e prática. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

NERI, Anita Liberalesso. (org.) Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

RAMOS, Silvana de Souza. As ambigüidades do tempo Revista FILOSOFIA. Ciência&Vida. Contra as idéias de Marx e Morus. Nº. 25 – Ano 2008